

ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

Neste texto, pretende-se apresentar sucintamente um panorama conjuntural do mercado de trabalho brasileiro durante o terceiro trimestre (julho a setembro) de 2010, tomando-se como base os principais indicadores da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).¹ Objetivando-se balizar a evolução dos indicadores sem interferências de questões sazonais, será realizada uma comparação com o passado recente, em particular com o terceiro trimestre de 2009.

Ao se analisarem os dados referentes ao mercado de trabalho metropolitano brasileiro no terceiro trimestre de 2010, é possível confirmar uma boa *performance*, dando continuidade ao processo já destacado no mais recente *Boletim do Mercado de Trabalho: conjuntura e análise* (o de nº 44): diminuição da taxa de desemprego e da informalidade, e aumento do ritmo de crescimento da ocupação e dos rendimentos reais em comparação com o mesmo trimestre de 2009. Estes indicadores alcançam em setembro de 2010 as melhores marcas dos últimos anos, destacando-se o valor de 6,2% registrado para a taxa de desemprego.

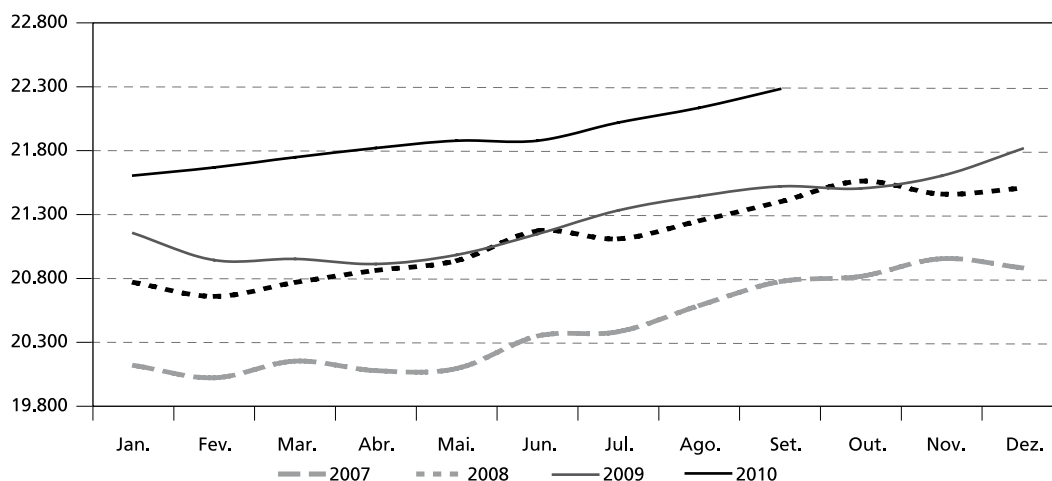
O nível de ocupação no terceiro trimestre continua registrando variações positivas, conforme se pode observar no gráfico 1. De fato, a média da população ocupada no intervalo de tempo em foco foi de aproximadamente 22,1 milhões, representando um crescimento de 3,3% frente ao mesmo período de 2009. Vale notar que houve uma aceleração do ritmo de criação dos postos de trabalho ao longo do terceiro trimestre de 2010, verificando-se um acréscimo de 1,3% em relação ao trimestre imediatamente anterior.

Na comparação entre os meses de julho a setembro de 2010 e os mesmos meses de 2009, conclui-se que o desempenho da ocupação foi positivo em todas as regiões metropolitanas (RMs), sendo Recife o destaque, com aumento de 9,0% neste indicador,² seguindo-se Belo Horizonte, que registrou variação de 4,8%.

1. Também se fará uso dos dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

2. As demais regiões apresentaram o seguinte desempenho: Porto Alegre, 3,6%; Salvador, 3,4%; Rio de Janeiro, 2,8%; e São Paulo, 2,4%.

GRÁFICO 1
População ocupada
 (Em 1 mil pessoas)



Fonte: PME/IBGE.

No que diz respeito à distribuição setorial da população ocupada, o confronto entre os valores do terceiro trimestre de 2010 e os de 2009 revela que quase todos os setores de atividade apresentaram incremento, com destaque para *outras atividades*³ (8,0%), *outros serviços*⁴ (7,7%), *administração pública*⁵ (5,1%) e *indústria*⁶ (4,5%). Na outra ponta, os serviços domésticos registram a única diminuição no número de trabalhadores (-5,7%).⁷ Analisando-se os dados ao longo do terceiro trimestre de 2010, cabe destacar o resultado da indústria, que passa a apresentar diminuição do número de ocupados (-0,8%). No entanto, a maioria dos setores seguiram a tendência de crescimento, com destaque para *outras atividades*, agrupamento que ostentou variação positiva de 7,9%.

Quanto ao Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), a análise ao longo do terceiro trimestre de 2010 mostra divergências consideráveis em relação à PME, sobretudo para a indústria e o comércio, visto que nesta pesquisa estes setores sofreram piora no período mencionado, enquanto no CAGED o saldo é positivo.⁸ A divergência pode resultar da combinação de dois processos: *i*) aumento da formalização, o que faz com que a geração de emprego verificada no CAGED seja em parte devida à maior regularização das contratações em 2010, em contraste com o aumento das contratações não registradas no segundo semestre do ano de 2009; e *ii*) concentração da geração dos empregos industriais fora das áreas metropolitanas cobertas pela PME.

A taxa de atividade⁹ ao longo do terceiro trimestre de 2010 manteve relativa estabilidade, apresentando uma média de 57,2%, índice ligeiramente superior à média registrada no mesmo período do ano anterior, de aproximadamente 56,8%. O gráfico 2 ilustra a evolução desta taxa ao longo dos anos de 2007 a 2010.

3. Essa categoria abrange as atividades de agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal; pesca; organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais; e atividades mal especificadas.

4. Esse agrupamento abrange as atividades de alojamento e alimentação; transporte, armazenagem e comunicação; e outros serviços coletivos, sociais e pessoais.

5. Esse grupo inclui, além da administração pública, educação, saúde, serviços sociais, defesa e seguridade social.

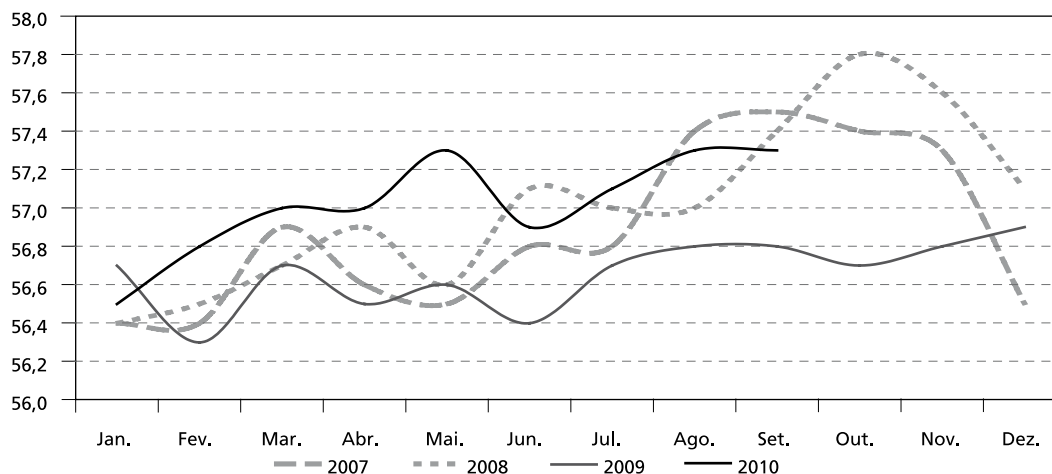
6. Nesse grupamento estão inseridas as atividades de indústria de transformação, e produção e distribuição de eletricidade, gás e água.

7. Completam o quadro os setores de construção civil, intermediação financeira e comércio, que registraram crescimento de 4,1%, 3,0% e 0,5%, respectivamente, na população ocupada.

8. Vale lembrar que há divergências na cobertura amostral entre essas duas fontes de dados.

9. Porcentagem de pessoas economicamente ativas, em relação às pessoas em idade ativa.

GRÁFICO 2
Taxa de atividade
(Em %)

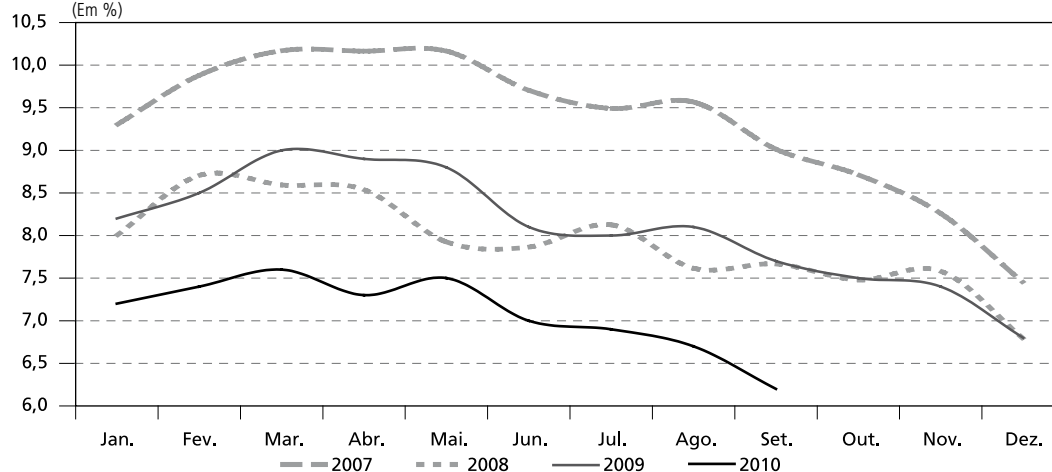


Fonte: PME/IBGE.

No que concerne ao desemprego, o gráfico 3 mostra a evolução das respectivas taxas, nos últimos quatro anos, para o agregado das seis RMs. A taxa de desemprego registrou uma média de 6,6%, ficando 1,3 ponto percentual (p.p.) abaixo do verificado para o terceiro trimestre de 2009. Vale destacar que esta taxa vem caindo constantemente desde junho, registrando 6,2% em setembro, a menor da nova série da PME. Pelo fato de a taxa de participação ter permanecido constante neste mês, a queda no desemprego pode ser creditada a um bom desempenho no nível de ocupação.

Em termos regionais, há queda na média trimestral (julho-setembro) em quase todas as RMs entre 2009 e 2010, verificando-se em São Paulo a maior diferença (- 2,1 p.p.). Salvador foi a única região metropolitana (RM) que apresentou uma ligeira elevação na taxa média (0,2 p.p.). Há também uma evolução favorável da taxa de desemprego para todos os segmentos nos demais recortes, como faixas etárias, gênero, grau de instrução e posição na família.¹⁰

GRÁFICO 3
Taxa de desocupação
(Em %)

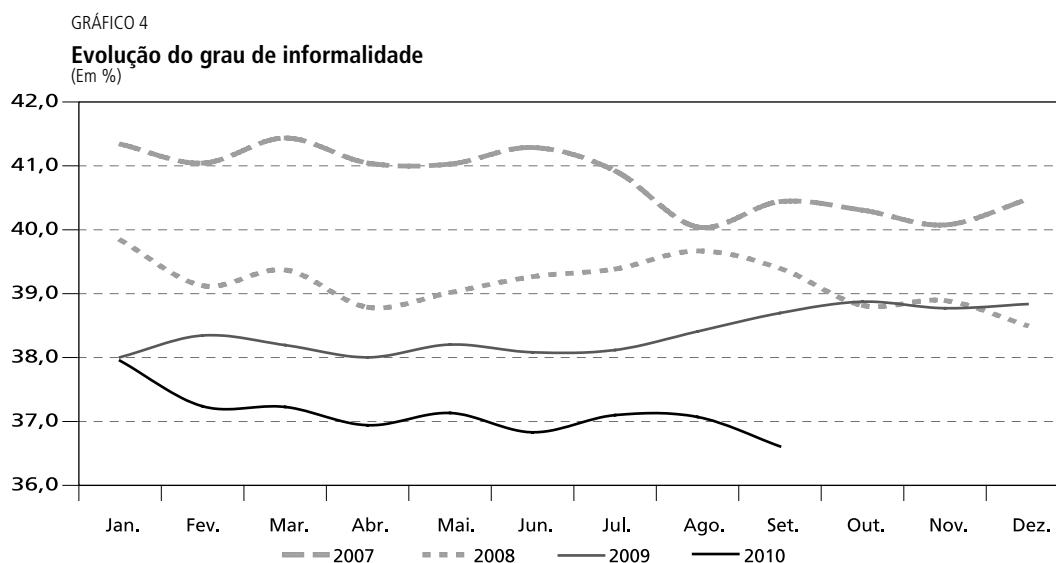


Fonte: PME/IBGE.

10. Ver anexo estatístico.

Ao se considerarem as taxas de desemprego aberto apuradas pela Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), é possível constatar que a tendência de queda da taxa de desocupação é corroborada também por este levantamento. As taxas de desemprego oculto tiveram variações negativas na comparação entre setembro de 2009 e setembro de 2010 em todas as áreas pesquisadas, o que sugere que o incremento da ocupação também está beneficiando os grupos com maior dificuldade de acesso ao mercado de trabalho. Em consequência, a taxa de desemprego total metropolitana¹¹ atingiu 11,4%, 3 p.p. abaixo do mês de setembro de 2009.

Outro aspecto que merece acompanhamento diz respeito às formas de inserção da população no mercado de trabalho. Quanto ao grau de informalidade,¹² constata-se que a média dos últimos três meses, 36,9%, aponta uma queda de 1,5 p.p. frente aos meses correspondentes do ano de 2009, como pode ser visualizado no gráfico 4. A trajetória dos trabalhadores assalariados ajuda a compreender esta queda. Por um lado o ritmo de crescimento, entre trimestres, do número de empregados com carteira assinada foi de 6,7%, e o de militares e estatutários, 2,0%; por outro, a quantidade de assalariados sem carteira assinada teve uma redução de 1,6%. Ressalte-se no entanto que, considerando-se apenas a evolução de julho a setembro de 2010, a trajetória dos assalariados protegidos por algum tipo de legislação trabalhista foi bem distinta da variação em 12 meses: os militares e estatutários se destacaram, apresentando um incremento de 3,5 p.p., enquanto os trabalhadores com carteira assinada aumentaram o seu contingente em 1,8 p.p., o que configura uma desaceleração em relação ao ritmo supramencionado. O quadro também muda um pouco para os assalariados sem carteira assinada, que passam a apresentar crescimento, ainda que modesto (de 0,4 p.p.).



Fonte: PME/IBGE.

O rendimento médio real habitualmente recebido registrou um ganho médio de 5,6% no terceiro trimestre de 2010 em comparação ao mesmo período de 2009, ficando em torno

11. A PED cobre as mesmas regiões metropolitanas da PME, com exceção do Rio de Janeiro, e inclui a área do Distrito Federal e entorno, não coberta pela PME. As estimativas, incluindo a taxa de desemprego, são referentes à média trimestral móvel, por isso o mês de setembro corresponde ao terceiro trimestre da PME. A taxa de desemprego total é a soma das taxas de desemprego aberto e oculto.

12. O grau de informalidade utilizado é definido como a razão entre a soma de trabalhadores sem carteira, por conta própria e não remunerados sobre o total de ocupados.

de R\$ 1.480,00, e registrando em setembro o maior valor desde o início da pesquisa em 2002 – R\$ 1.499,00. Pela leitura do gráfico 5, é possível notar também que o rendimento real teve um ritmo de crescimento maior no terceiro trimestre de 2010, quando foi registrado um ganho de aproximadamente R\$ 39,00 (ou 2,7%).

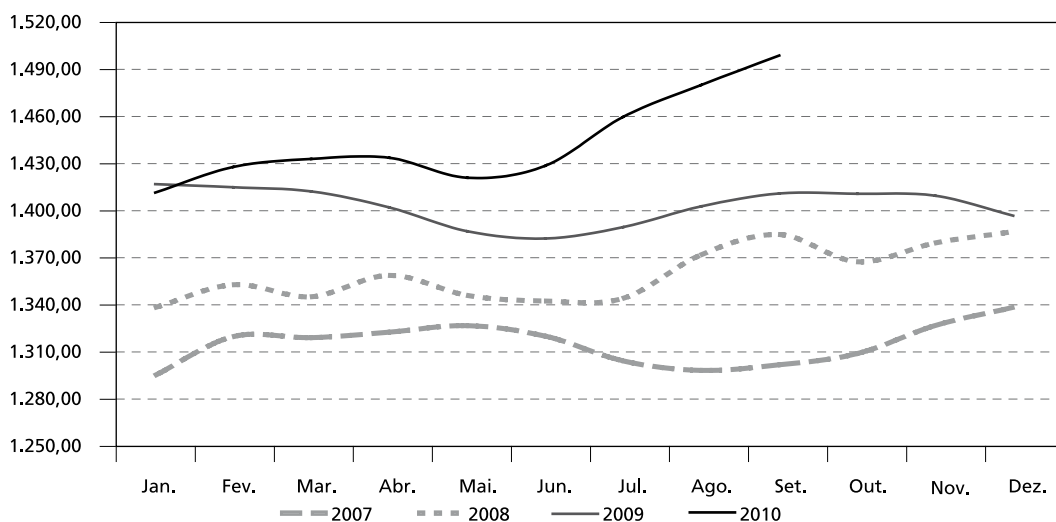
A elevação dos rendimentos no intervalo de um ano foi registrada para todos os grupos por posição na ocupação. Vale notar que, entre julho e setembro de 2009 e igual período de 2010, os rendimentos dos trabalhadores do setor público cresceram 4,4%, e os dos trabalhadores por conta própria, 3,4%. A variação do rendimento entre os assalariados do setor privado superou os resultados comentados anteriormente para os demais grupos, registrando-se expansão de 4,9%. A desagregação dos rendimentos deste grupo mostra que os trabalhadores sem carteira assinada tiveram aumento de 12,2%, bem superior à variação de 3 % dos empregados com carteira assinada.

Ao longo do terceiro trimestre de 2010, o comportamento do rendimento para os grupos analisados se inverte. Os trabalhadores por conta própria passam a apresentar a maior variação positiva, com 3,4%, seguidos pelos trabalhadores do setor público, 2,5%, e os assalariados do setor privado, para os quais se registra a menor taxa de crescimento, 1,0%. No setor privado também se percebe uma inversão de ordem entre os dois subgrupos que o compõem. Enquanto os trabalhadores com carteira assinada apresentam um acréscimo de 1,5 p.p nos seus rendimentos ao longo do terceiro trimestre de 2010, os empregados sem carteira assinada registram um decréscimo de 1,7 p.p. no mesmo período. Uma possível explicação é a mudança de composição nos dois grupos: enquanto nos trimestres precedentes a formalização do emprego puxava a média dos empregados com carteira para baixo (pressupondo-se que os novos contratados entravam na base da distribuição salarial), no terceiro trimestre de 2010 o pequeno aumento dos empregos sem carteira pode ter ocorrido sob a forma de empregos precários e mal remunerados.

No plano regional, a RM de Salvador registrou perda nos rendimentos (-1,5%) entre os trimestres (julho-setembro) de 2010 e 2009, ao passo que as demais RMs mantiveram variações positivas, com destaque para Porto Alegre, que apresentou um aumento de 5,4 p.p. no período analisado.

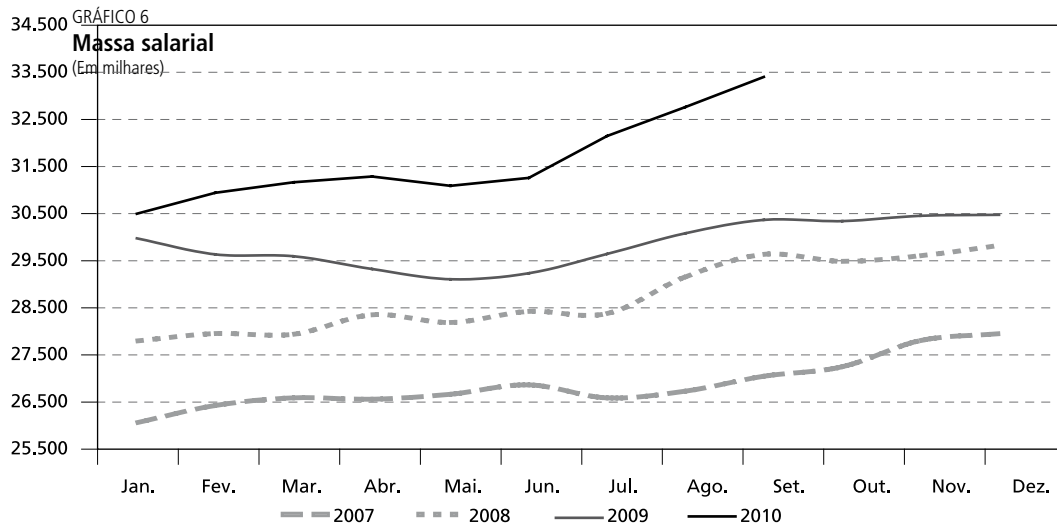
GRÁFICO 5

Rendimento médio habitualmente recebido no trabalho principal
(Em R\$)



Fonte: PME/IBGE.

A evolução da massa salarial do trabalho pode ser observada no gráfico 6. Pode-se notar que este indicador vem apresentando uma tendência de incremento maior no terceiro trimestre de 2010 (4%), se comparado aos meses anteriores de 2010. Tal retomada reflete tanto o crescimento dos rendimentos quanto da população nos três últimos meses.



Fonte: PME/IBGE.

Os indicadores analisados apontam um ótimo desempenho do mercado de trabalho brasileiro no terceiro trimestre de 2010, quando comparado aos desempenhos registrados tanto no mesmo trimestre de 2009 como no segundo trimestre de 2010. Muitos indicadores mostram comportamento similar ao assinalado no período anterior à crise iniciada no último trimestre de 2008, reconhecidamente um período de desempenho extremamente favorável para a economia brasileira. Quanto à continuidade deste cenário positivo, convém atentar para dois fatos concernentes à evolução de alguns indicadores ao longo do terceiro trimestre de 2010.

Em primeiro lugar, a diminuição na população ocupada na indústria causa preocupação pelos efeitos de encadeamento deste setor. Em segundo, cabe mencionar a predominância do setor público como principal responsável tanto no acréscimo da população ocupada quanto do rendimento médio, ainda que os números para o setor privado não possam ser considerados ruins. Embora a geração de emprego no setor público ou nos setores não industriais não seja um problema em si, a manutenção de uma trajetória de crescimento sustentável requer que, em alguma medida, este seja acompanhado para abertura de novos postos de trabalho e pelo aumento de salários na indústria e no setor privado em geral, responsáveis pela maior parte das ocupações.